

O Anjo e a Pandemia

Luiz Otávio Dobal

“Os seres humanos me assustam”

(A menina que roubava livros - Markus Zusak)

Meu coração pediu para sair pela boca. Não foi nem um susto, foi algo aterrorizante. O espanto foi tamanho que não consegui gritar, nem correr, apenas meu coração engrenou uma palpitação tão forte e acelerada que provocou um vazio no peito. Parecia que o órgão fugiu para bater em algum lugar distante e me deixou catatônico.

A figura materializou-se ao meu lado. Só pode ter sido uma aparição repentina, teletransportada. Não tinha como não notar sua presença se tivesse se aproximado de maneira natural, ou seja, caminhando em minha direção. Estava vestido de branco e usava um capuz que não deixava ver o rosto. Pensei em correr, mas cadê pernas? Talvez só queira meu celular e dinheiro. Que seja.

São três da manhã, a rua está completamente deserta. Maldito Uber: “seu motorista está a 2 minutos do destino”. Essa mensagem já tem 15 minutos. Eu nem deveria estar aqui.

- Deveria sim.

Ele falou adivinhando meus pensamentos. A voz era doce e ao falar abaixou lentamente o capuz deixando a mostra um rosto angelical.

- A gente se conhece?

Falei calmamente e percebi que o medo havia desaparecido completamente.

- Bom, vou direto ao ponto. Eu sei que você gosta de pessoas diretas. Eu sou seu anjo da guarda.

Não era o que eu esperava, mas era melhor que um assalto. Sorri com o pensamento idiota, e lembrei do que havia bebido a noite toda, que me levou a estar as três da manhã conversando com um maluco imaginário. Não sei se foi a bebida ainda fazendo efeito ou a tranquilidade que me invadiu, mas resolvi entrar no clima.

- Tá legal. Se você é meu anjo da guarda, por que não resolve meu problema com o Uber e me ajuda a ir para casa?

- Seu carro já vem. Fui eu que o atrasei para que a gente possa conversar.

Resolvi entrar na brincadeira. Ele é maluco e eu tenho tempo.

- Você pode fazer isso? Não é contra as leis celestiais?

- Sarcasmo não ajuda em nada. E eu não sou maluco.

Ele continua lendo meus pensamentos e me parece aborrecido, mas de um jeito ainda carinhoso. Resolvi lhe dar uma chance.

- OK. O que você quer conversar?

- Quero te fazer uma proposta. Você topa mudar de lugar comigo?

- Como assim? Virar um anjo?

- Não exatamente. Seria uma troca baseada na visão que nós temos, de quem eu sou e de quem você é. Resumindo, eu queria que você encarasse os seres humanos como eu encaro.

- E eu teria de usar asas?

- Eu não tenho asas e você continua não me levando a sério. Será que você não percebe que está com problemas? Que estou tentando ajudar?

- Problemas? Eu? Você não tem asas?

- Não, eu não tenho asas. Sim, você tem sérios problemas de relacionamento. Você não gosta das pessoas e essas pessoas são seus irmãos, estão juntos com você nesta viagem.

- Por que você se importa com isso?

- Porque faz parte do meu trabalho. Um anjo não serve só para te proteger dos outros, eu te protejo de você mesmo. Tem algum tempo que você tem sido seu pior inimigo. Essa mania de não confiar nas pessoas tá te fazendo mal.

- Não é questão de confiança, é que os seres humanos me assustam.

- Às vezes eles são assustadores mesmo, mas você, no momento, deve estar assustando muita gente.

De repente algo aconteceu comigo, talvez por estar triste por muito tempo, talvez porque repentinamente acreditei que ele era mesmo um anjo e queria me ajudar.

- Eu não fui sempre assim. Essa pandemia maldita me tirou muitas coisas. Meu emprego, amigos, vontade de viver e fazer planos.

- Eu sei. Por isso resolvi falar cara a cara com você. Você precisa mudar, buscar novos amigos, recomeçar. Sua estrada é longa e você precisa percorrê-la feliz e acompanhado. Chega de ser sozinho.

- Esse negócio de conversar com humanos é comum? Vocês fazem sempre isso?

- Não exatamente... Acho que Ele vai me recriar, mas isso eu vejo depois. E então, vai tentar ser feliz?

- E como eu faço isso? O mundo e as pessoas estão malucos demais.

- É fácil. Olhe em volta, perceba os detalhes, as oportunidades de ser feliz, os momentos são mais importantes que as histórias. Felicidade é instantânea.

- OK. Você me convenceu. Vou mudar e dar uma chance para os humanos. Mas quero algo em troca.

- Sabia. Estava fácil demais. O que você quer?

- Asas. Eu quero asas.

- Sério? Já te disse, eu não tenho asas.

- Hummm... Mas pode conseguir. Então?

- Tudo bem. Mas com duas condições: você vai voar diretamente para casa e quando chegar lá, as asas desaparecem e não voltam mais. Ok?

- Ok.

Foi repentino, instantâneo. Elas apareceram em minhas costas, brancas, brilhantes, celestiais. E o mais interessante é que eu sabia como usá-las, como se elas estivessem desde sempre ali. O anjo sorriu, embora parecesse preocupado. Foi-se, como chegou, desaparecendo simplesmente.

Bati as asas e voei sobre a rua, depois sobre as casas, sobre o bairro, sobre a cidade, acima das nuvens. Era maravilhoso. E cansativo...

O sol já estava nascendo quando pousei na minha rua e caminhei até o edifício onde moro. Ao cruzar a porta do prédio, as asas desapareceram lentamente. Não antes de serem vista pelo Severino, o funcionário da portaria. Ele me chamou assustado, mas não dei atenção e segui para casa. Estava cansado, muito cansado.

No dia seguinte fui parado pelo Severino, que insistia em falar sobre as asas que havia visto. Achei melhor não falar a verdade e levei na brincadeira, como todos com quem ele falou sobre o assunto. Isso nos aproximou.

Nunca havia reparado no Severino. Ele é um cara bem legal. Veio da Paraíba, onde torcia pelo Botafogo de lá, chegando ao Rio de Janeiro, passou a torcer pelo meu Botafogo. Com o tempo nasceu uma amizade entre nós e sempre que podíamos, assistíamos os jogos juntos. Foi ele que me apresentou o Antônio, que trabalha na padaria do outro lado da praça, em frente ao meu prédio. Ele é vascaíno e entre uma brincadeira e outra ficamos bem amigos. Sempre que podemos bebemos uma cerveja juntos e falamos sobre futebol, sonhos e asas imaginárias, é claro.

A amizade do Antônio me levou a tomar café na padaria quase todos os dias, antes de ir para o trabalho. (É, eu consegui um emprego, melhor que aquele que havia perdido na pandemia). Numa dessas manhãs, ao chegar na padaria, percebi uma menina linda, de cabelos vermelhos. Peguei meu café, e perguntei se podia sentar-me com ela, pois a padaria estava cheia. Ela disse que sim e enquanto eu me sentava, olhou em volta, para perceber que só havia nós dois e o Antônio na padaria. Ela sorriu. E isso me encheu de coragem para perguntar:

- Seu cabelo é vermelho natural ou você pinta?

- Eu pinto, também desenho as sardas no meu nariz, para compor o visual.

Eu comecei a rir e ela falou:

- Eu te dei uma resposta grossa e você ri? Você é bem estranho.

- Não é por causa da resposta. É que quando você se zanga, suas sobrancelhas se juntam e seu nariz faz um movimento engraçado.

- Como assim?

Eu fiz uma careta tentando imitá-la e ela caiu na gargalhada. Nós rimos muito aquele dia.

Hoje, depois de quase um ano morando juntos, ainda rimos bastante. Ela está grávida. Vamos ter uma menina. Ainda não escolhemos o nome, mas espero que tenha os cabelos vermelhos e aquelas sardas lindas da mãe.

O mundo e a pandemia estão se acertando e todos seguimos em frente. Tenho novos amigos, um novo trabalho e estou formando uma família.

O anjo tinha razão, tudo depende principalmente de nós mesmos. Tenho aproveitado bastante meus instantes felizes. Acho que o anjo foi perdoado por vir falar comigo diretamente e por me ceder asas momentâneas. Ainda sinto que ele me protege nos momentos difíceis.

Daqueles tempos sombrios tenho apenas a lembrança das asas. Elas eram legais, muito legais.